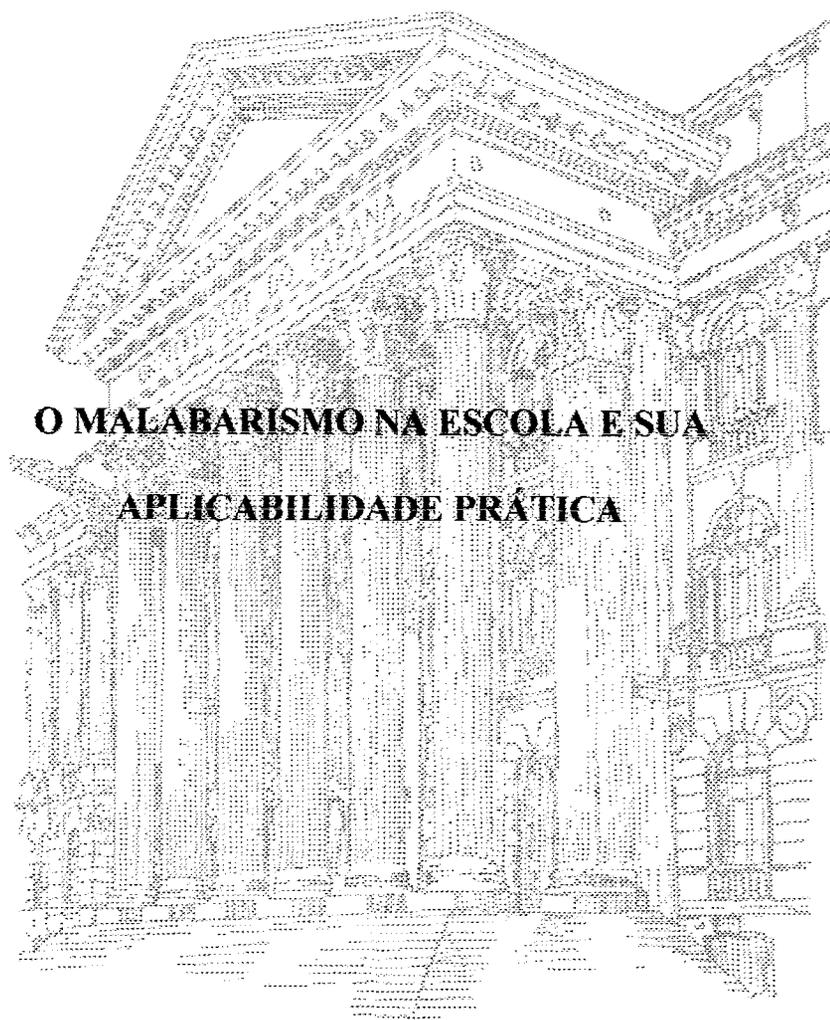


FABIO CUROTTO FERREIRA



**O MALABARISMO NA ESCOLA E SUA
APLICABILIDADE PRÁTICA**

**CURITIBA
2002**

FABIO C. FERREIRA

O MALABARISMO NA
ESCOLA E SUA APLICABILIDADE PRÁTICA.

Projeto monográfico apresentado à disciplina
de seminário de monografia do Curso de
Educação Física do Setor de Ciências
Biológica da Universidade Federal do Paraná à
prof.^ª: Maria Regina.

CURITIBA

2.001

AGRADECIMENTOS

Durante a trajetória, muitas vezes sinuosa de nossas vidas, encontramos aqueles que nos estendem as mãos ao menor sinal de deslize. A essas pessoas especiais cabe-me lembrar de seus valiosos apoios, sermões, “empurrões” e dedicação. Espero que um simples obrigado possa enaltecer os brilhantes momentos que esses verdadeiros amigos nos proporcionam.

Obrigado ao meu pai, Gualter, por dedicação e empenho com a difícil ABNT; muito obrigado à minha mãe, Regina, pela paciência que sempre despendeu a meu favor; ao Felipe Rággio, por em inúmeros momentos elucidar minhas idéias e ampliar meus horizontes; ao amigo e companheiro Richard, pelas horas incansáveis de treino; à professora Inaiá, que gentilmente cedeu-me a turma para a aula prática; ao meu orientador Wagner Campos, que em momento algum desanimou com meus problemas, permanecendo ao meu lado e não fazendo cobranças demasiadas ao meu alcance. Obrigado a todos os meus amigos e familiares que proporcionaram momentos de lazer e descontração sempre que preciso.

Em fim, agradeço a Deus, por me dar tudo isso a que posso agradecer.

SUMÁRIO

1- Introdução	04
1.1. Objetivos	05
2. Revisão Da Literatura.....	06
2.1 História do Malabarismo.....	06
2.2. Os Diversos Instrumentos De Malabarismo.....	07
2.3. O Malabarismo Como Prática Corporal.....	10
3. Metodologia	14
4. Análise dos Resultados.....	16
4.1 Análise do questionário 1	16
4.2 Observação da Fita de Vídeo.....	17
4.3 Análise do questionário 2	18
5. Conclusão.....	20
6. Referências Bibliográficas.....	21
Anexo I	23

1. INTRODUÇÃO

Os professores de Educação Física têm, durante toda a sua formação, discursos severos para que utilizem muita criatividade em suas aulas, porém, devido a motivos à priori desconhecidos, acabam, por mais que diversifiquem suas metodologias e estratégias, abordando sempre os mesmos temas e conteúdos.

Como o aluno do ensino fundamental, habituado com os conteúdos tradicionais do currículo escolar (jogos, dança, esportes, entre outros – que não o malabarismo) reage (aceita) a essa prática, observadas por eles previamente, na maioria das vezes, somente nos meios de comunicação?

Sendo estes conteúdos tradicionais utilizados de forma normativa e reforçando o modelo capitalista/burguês, e ainda, utilizando-se do objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, como cita ESCOBAR (1.992) : “... apoia-se nos fundamentos sociológicos, fisiológicos, antropológicos, psicológicos e, enfaticamente, nos biológicos para educar o homem forte, ágil, apto, empreendedor, que disputa uma ação social privilegiada na sociedade competitiva de livre concorrência: capitalista. (...) nessa linha de raciocínio pode-se constatar que o objetivo é desenvolver a aptidão física. O conhecimento que se pretende que o aluno apreenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo de rendimento de sua capacidade física. Os conteúdos são selecionados de acordo com a perspectiva do conhecimento que a escola elege para apresentar ao aluno...”

Uma vez que, os malabares vêm-se tornando uma prática crescente e admirada por um público maior a todo o instante, presente cada vez mais nos meios de comunicação e ao alcance de um numero cada vez maior de pessoas. As manobras habilidosas encantam a platéia que assiste bem como os praticantes. As diversas possibilidades e combinações de jogos e truques são um atrativo para os curiosos. O fato de simplesmente lançar três bolas e pegá-las novamente é uma vitória emocionante para os mais inibidos. Perceber as evoluções conquistadas com a sua prática já basta como estímulo para continuar tentando.

Aí surge a curiosidade sob o ponto de vista de um professor de Educação Física, de se estudar a aplicabilidade de tal prática no âmbito escolar. Visando proporcionar

ao aluno uma nova experiência corporal, com práticas pouco conhecidas no seu cotidiano, porém admiradas em todas as ocasiões em que lhes é proporcionado um contato..

Não posso negar, também a curiosidade de aprender malabarismo. A partir do momento em que desenvolvi a técnica com três bolinhas, senti-me completamente envolvido e disposto a vivenciar novas experiências e outros instrumentos. Ainda mais, percebi que poderia aprofundar-me em um assunto pouco discutido e que, por outro lado, faz, perfeitamente parte de nossa cultura corporal. Então decidi realizar o meu trabalho de monografia acerca desta tão sensacional arte. Perceber os benefícios no meu próprio corpo e intelecto, impulsionaram a decisão de estudar mais a fundo, como poderia introduzir essa experiência aos alunos do ensino fundamental. E se esta poderia ser uma prática viável nas escolas.

1.1. OBJETIVOS:

Verificar o interesse da criança diante da proposta da prática do malabarismo na aula de Educação Física escolar.

Averiguar a aplicabilidade do malabarismo nas escolas como conteúdo da Educação Física, uma vez que, como elemento da cultura corporal, deve ser analisado na sua prática.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO MALABARISMO

Como idéia do que vem a ser o malabarismo, logo vem à cabeça da maioria, algo que é extremamente difícil, porém igualmente encantador. Poucas pessoas imaginam-se capazes de realizar alguns truques de malabarismo. Para DONALD, B. Lehn (2.001) o malabarismo vem a ser: “Malabarismo é o manejo habilidoso e artístico de um ou mais objetos. Habilidoso, porque o malabarismo não é fácil. Não é preciso ter nenhum talento especial, mas sim habilidade adquirida pela prática. É uma possibilidade que só possuem os que passaram um bom tempo praticando; não existe maior mistério. Manejo artístico, porque os malabares são admiráveis; para quem pratica é como dançar. O corpo se move ritmicamente e se esforça em manter o desenho vivo no ar. Desfruta de suas conquistas e tenta tornar ainda mais apaixonante essa atividade. Para quem vê, também, o malabarismo é artístico. Os malabares são fascinantes e eternamente atrativos para contemplação humana. O malabarismo pode ser feito com qualquer objeto possível e imaginário. Dependendo das habilidades e imaginação de cada um, pode-se fazer malabarismos com laranjas, sapatos, gatinhos e até mesmo moto-serra”.

Existem malabaristas de todas idades e ofícios. Artistas, advogados, cozinheiros, economistas, engenheiros, médicos, músicos, palhaços, sacerdotes e bufões. A paixão pelo malabarismo oferece algo em comum: horas e horas de lançar objetos para o alto, assim como a experiência de haver vivido no próprio corpo a aprendizagem dos diversos passos. Por sua vez, muitos lhe dirão que o jogo do malabarismo o ajudará em alguma situação concreta de sua vida.

Durante anos o malabarismo existiu, até mesmo antes do que podemos imaginar, porém, ALVAREZ (1.984) conseguiu alguns registros do surgimento dessa arte: “A primeira referência física que se tem provém de uma descrição egípcia, que aparece na tumba de Beni Hassan, datada entre 1.994 a 1.781 A.C. Na China, na dinastia Chang (o Ying – entre 1.766 e 1.112) acredita-se que teve origem o famoso diábolo. Que consiste em um par de cones unidos por sua parte mais estreita, manejados por duas varetas que sustentam um fio que conduz os cones. Além dos jogos com bolas, na China também eram famosos os malabarismos com pratos, os quais eram manejados girando sobre altas varetas.”

Ainda assim, é impossível saber que impulso moveu o primeiro malabarista a praticar o malabarismo. Mas pode-se saber que, de imediato, foi considerado pelo homem algo digno de ver. Na antiga pré-história, o homem já havia inventado formas de manejar objetos chamativos e inúteis. Em algumas civilizações, estas habilidades deixaram seu rastro na mitologia e na religião. Há ritos de adivinhações na cultura indígena nos quais uma flecha é manejada pelo chamã de uma forma complicadíssima, incluindo equilíbrio de diversos tipos antes de lançá-la para ser interpretada. Mas é muito mais freqüente aparecer tal como conhecemos hoje em dia, como arte/entretenimento e como espetáculo.

2.2 OS DIVERSOS INSTRUMENTOS DE MALABARISMO

Como visto anteriormente, neste trabalho, pode-se desenvolver a prática do malabarismo com os mais inusitados objetos, porém alguns ganharam mais força e credibilidade aos olhos dos espectadores, assim consolidaram-se como mais convencionais/tradicionais. Dentre eles destacamos:

Bolinhas: “las pelotas” , como eram conhecidas, têm seu princípio em arremessa-las ao ar e manter as mais diversas formas de truques (variações de jogadas), sendo que quanto maior o número delas, maior a dificuldade e também o encantamento do público. Podem ser feitas de materiais alternativos como painço e bexiga, ou serem altamente profissionais e até brilharem no escuro, seu dimensionamento é variável e pode ser desde o tamanho da cabeça de um alfinete, a até uma bola de basquete (ou mais, caso o praticante consiga e deseje executar com essa forma).



Bastão Japonês: consiste em duas varetas menores e revestidas por um material aderente, que controlam um terceiro bastão, geralmente cônico com seu diâmetro menor no centro e igual nas extremidades. Este instrumento pode ter ainda, a variação de suas cores ou a possibilidade de se atear fogo nas extremidades da vareta central.



Bastão: semelhante em peso, tamanho e diâmetro a um cabo de vassoura, é via de regra constituído de alumínio e possui amianto em suas extremidades, o que possibilita que seja feito também, com fogo.

Diábolo: são duas varetas que amarram um fio (de aproximadamente um metro), onde, neste fio, desliza um objeto duplamente cônico, oco e com a concavidade oposta pelo lado menor.



Claves: seguem o mesmo princípio que as bolinhas, porém a sua execução acresce o elemento giro, tornando-se um pouco mais complexa. Têm suas formas semelhantes à massa da Ginástica Rítmica Desportiva, porém o centro de gravidade fica mais ao meio e não tanto na extremidade.

2.3. O MALABARISMO COMO PRÁTICA CORPORAL

O paradigma da Educação Física vem sofrendo mudanças na sua concepção, devido à falta de identidade como área de conhecimento, descrita por MEDINA (1983, p.35): “A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade.” Quando o autor ressalta a necessidade de uma crise na Ed. Física para que mudanças favoráveis à evolução da mesma possam ocorrer. Contudo, não se trata de “estudarmos” essa crise. Como cita o prof. MARCHI (1.999): “... não se trata de uma polarização ou um maniqueísmo simplista de definirmos se este estado de crise é positivo ou negativo para a área, ou ainda, se devemos permanecer nessa crise ou superar o quadro, mas sim, consubstanciar que tipo de crise está sendo delineada na Educação Física.”, na tentativa de defender uma abordagem multidisciplinar para a Educação Física. O que ao meu ver, implica em ampliarmos os horizontes de nossa área de conhecimento mediante a diversidade da cultura corporal proposta no cotidiano do povo brasileiro.

Nesse sentido e, com o intuito de ampliar as possibilidades de abordagem da Ed. Física, é que autores como ESCOBAR (1.992, p.50), enfatizam a abordagem da Educação Física, focando seu objeto de estudo na “cultura corporal”: “... diremos que a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Ainda, sobre as considerações do que vem a ser essa cultura corporal, ESCOBAR (1.992, p.38) cita: “... na perspectiva de reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas das da tendência anterior. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”.

Sabemos que na formação do acervo motor e, principalmente na educação, qualquer prática pode vir a ser de grande contribuição. Porém, no século XIX, quando ocorreram os principais movimentos de formação da Ed. Física, baseado nos moldes

européus fundamentados nas idéias médico higienistas, a prática do malabarismo e das acrobacias que enfocavam o corpo como objeto central do movimento e manifestações, vieram a ser condenadas por seus excessos, como explica SOARES (1.998): "... higienistas e pedagogos afirmam a suposta aquisição e preservação da saúde (uma responsabilidade/conquista pessoal) podia ocorrer com prática sistemática. E criticavam os excessos do corpo vividos por acrobatas e funâmbulos...".

As práticas corporais tidas como fora dos padrões, burgueses, só ganharam força e aceitação na Ed. Física, após a diminuição do foco militarista e médico higienista, que tiveram sua credibilidade reconhecida no Movimento Ginástico europeu no século XIX.

Porém, vividas nas ruas por pessoas que eram criticadas aos olhares burgueses, as práticas circenses nunca deixaram de existir. Com o passar do tempo essas práticas foram cada vez mais reconhecidas e admiradas, com isso também ganharam adeptos e novos olhares.

O maior problema encontrado nos dias de hoje é a falta de espaço que as práticas diferenciadas encontram nas escolas, uma vez que estas não "preocupam os professores, como cita MEDINA (1983, p.34):" Por mais paradoxal que possa parecer, as propostas alternativas de abordagem do corpo e seus movimentos têm surgido muito mais fora do círculo da Educação Física do que dentro dele. Os movimentos que defendem o valor educativo – e até curativo de certas atividades como a antiginástica, a hatha-yoga, o t'ai chi chuan, a dança, a "expressão corporal", a dramatização, a bioenergética, entre outras técnicas, não têm espaço nas Escolas de Educação Física e não preocupam muito seus profissionais. Nas Escolas, com raríssimas exceções, nem se discute seriamente o valor desses movimentos, num confronto com a validade de suas próprias técnicas. Mesmo as críticas cada vez mais acentuadas que se faz às atividades militarizadas, como a calistenia e algumas modalidades de ginástica, ou ainda, aspectos como a monocultura do futebol em nosso país, a musculação ou halterofilismo feminino, a especialização precoce, o real valor de esportes como o atletismo, o basquetebol, o tênis e o boxe, e muitos outros assuntos que deveriam dizer respeito ao profissional da Educação Física, não são devidamente pesquisados nas Escolas através de seus currículos ultrapassados. E é assim que seus profissionais ou futuros profissionais não se posicionam criticamente, a favor ou contra em relação a muitos assuntos que lhes deveriam preocupar."".

Entende-se assim, que não se trata apenas de uma crise na Educação Física e seus conceitos, mas sim de um comprometimento de seus profissionais com o interesse em

realmente trazer à Educação Física, ao atual momento histórico que estamos passando, valorizando a cultura corporal, reavaliando tudo aquilo que foi profundamente desprezado durante séculos.

MEDINA (1983, p.59) lembra: “Toda manifestação humana é movida por valores que determinam certos ideais, certas finalidades e certos objetivos. Evidentemente esses valores são culturalmente moldados e se modificam de acordo com as variáveis que o momento histórico lhes impõe. É neste contexto que os objetivos da Educação Física têm variado em gênero e número através dos tempos. Na época do império, por exemplo, a nossa educação era nitidamente dividida em uma educação intelectual, outra moral e outra física, que correspondiam respectivamente às dimensões da mente, do espírito e do corpo. A Educação Física daquele tempo tinha como preocupação básica melhorar o nível de saúde e higiene da população escolar. Considerar, de forma idêntica, que a aquisição e manutenção da saúde através de preceitos de higiene que incluam algumas sessões semanais de ginástica seja ainda hoje a grande meta da Educação Física, significa estar atrasado em século.” Onde conclui-se que os objetivos de hoje devem estar, obviamente, voltados ao momento histórico atual, onde os movimentos corporais ganham mais dimensão, vida e autenticidade.

Para compreendermos melhor o atual momento histórico, MEDINA (1983, p. 74) faz um breve retrospecto da cultura do corpo: “... através dos séculos, veremos que, grosso modo, ela foi enaltecida na Grécia Antiga, decaiu com a decadência do Império Romano, foi desprezada na Idade Média, ressurgiu no Renascimento e adquiriu contornos característicos a partir da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, em face, entre outros aspectos, de um considerável desenvolvimento científico. A partir do século passado, com a ascensão da burguesia, é cristalizada uma nova ordem social e sedimentada toda uma nova escala de valores que, calçada na ideologia burguesa, determina e condiciona a cultura do corpo nessa nossa era tecnológica.”

O que nos remete às atuais manifestações corporais, como o movimento do circo novo, uma escola que segue o pensamento modernista e aplica isso às práticas corporais envolvidas em suas apresentações, inovando e “redescobrimo” as possibilidades desses movimentos corporais. Utilizando-se do corpo como foco das apresentações, inovam e limitam suas ações apenas pela própria reflexão sobre elas, ou seja: enquanto pode-se criar, pode-se realizar. E, é dessa maneira que são vistas e compreendidas por um número cada vez maior de pessoas. Uma vez que esses movimentos corporais estão se difundindo e sendo apresentados ao público em geral cada vez mais pelos principais meios de comunicação,

como a televisão (rede Globo) que tem feito incursões freqüentes em sua programação do “Cirque Du Soleil”, por exemplo, um espetáculo contemporâneo que traz o malabarismo como uma das formas de expressão corporal em meio à dança e outros elementos da cultura corporal.

Isso tudo faz com que o profissional de Educação Física tenha que se atentar a essas mudanças e acompanha-las no sentido de saber identificar em suas aulas, quais as manifestações culturais estão sendo expressas e, porque assim estão sendo feitas. Acompanhar e situar-se diante a contemporaneidade é uma tarefa mínima dos profissionais de Educação Física

3. METODOLOGIA:

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de assuntos relacionados com a arte do malabarismo, no intuito de classificar esses malabarismos como elementos da cultura corporal e possível conteúdo da Educação Física escolar.

Os recursos práticos para a averiguação da aplicabilidade, interesse e conceito dos alunos com respeito ao malabarismo, foram: a gravação de uma fita de vídeo da aula ministrada com malabares na escola, e um formulário de perguntas feitas aos alunos. Uma análise de observação da fita de vídeo (em anexo) foi necessária, procurando relacionar a participação, à vontade em praticar, o interesse demonstrado e as feições (contentamento, diversão, frustrações etc.). Esta fita não foi gravada na íntegra, porém a todo passo para a condução da aula, era feito o registro.

Quanto ao questionário, é necessário que nele se possa coletar um maior número de informações pertinentes aos conceitos dos alunos com relação aos malabares. Este questionário foi realizado em duas etapas: uma previamente a prática do malabarismo, que teve o intuito de detectar qual o conhecimento/entendimento que a criança faz até então do malabarismo. E outra após a prática proposta, com finalidade de analisar o que mudou no entendimento da criança após a vivência da atividade e, principalmente, se a vivência com o malabarismo foi satisfatória.

A aula de malabares foi realizada no Colégio Estadual Bento Munhoz Da Rocha Neto, onde realizei anteriormente a minha disciplina de Prática de Ensino, e tive maior contato, também por trabalhar como professor da instituição há quatro anos. Foi escolhida uma turma de 7ª série do ensino fundamental, correspondente ao terceiro ciclo, onde, segundo ESCOBAR (1992, p.35): “É o ciclo da ampliação da sistematização do conhecimento, O aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento”. Estavam presentes na aula 27 alunos. Isso fez com que o material necessário tenha sido: 7,5 kg de painço, 6 pacotes de 50 bexigas cada (em cores diversas), 100 sacos plásticos. A aula teve duração de 100 minutos (duas aulas de 50 minutos conjugadas: 1h e 40m). O desenvolvimento da aula seguiu a seguinte ordem: 1) aplicação do “questionário 1”; 2) confecção das bolinhas; 3) reconhecimento do material (bolinhas) – peso, tamanho, possibilidades de manuseio/condução; 4) exploração da criatividade do aluno – o que é possível fazer com a bolinha, onde se pode equilibra-la, como se pode lança-la etc.; 5) condução do professor à

seqüência pedagógica para o desenvolvimento da habilidade de manuseio com uma, duas e três bolinhas

Foram escolhidas as bolinhas para a aula, por ser o instrumento de malabarismo que mais se aproxima ao conhecimento da criança e de sua realidade. Além do fato que para seu aprendizado há uma boa metodologia envolvida, baseada na concepção construtivista, onde o aluno descobre os caminhos para se alcançar o que almeja.

Pode-se destacar como objetivos da aula os seguintes pontos: objetivo específico: despertar na criança o interesse pelo malabarismo, desenvolver a coordenação motora, lateralidade, atenção, concentração e, trabalhar a habilidade de jogar bolinhas; objetivo geral: desenvolver a autoconfiança, auto estima, criatividade do aluno.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO 1

Por esse questionário (anexo 1), aplicado previamente à aula prática, procurou-se conhecer qual a idéia que os alunos têm sobre o malabarismo. O que vem a ser malabarismo para eles? Qual o contato que essas crianças já tiveram com atividades circenses? Como elas pensam que deve ser praticar malabarismo, difícil, fácil? Qual o interesse prévio que elas têm em aprender essa nova atividade? Se realmente ainda é mesmo uma atividade nova.

Dessa forma, a intenção do primeiro questionário é captar o maior número de informações das crianças no que diz respeito aos pontos acima.

Nas cinco perguntas realizadas nessa etapa, sendo todas de forma aberta, foi possível se obter as mais variadas respostas, sendo que algumas ganharam destaque. Conceitos como, malabares é: “jogar bolinhas” e “atividade de equilíbrio”, apareceram consideravelmente entre as respostas. Outras como: “jogo”, “brincadeira” e “diversão”, também foram notadas, reforçando assim, a idéia que, para a maioria, malabarismo está diretamente relacionado ao movimento corporal, seja este movimento um equilíbrio, um jogo, uma brincadeira ou até mesmo um “esporte”.

O mais interessante foi observar que um número considerável de alunos apontou o malabarismo como uma “arte”, aproximando-se da real proposta e intenção dessa atividade que, sem destacar ou desconsiderar nenhum dos outros conceitos por eles citados, ressalta o valor artístico do movimento corporal.

Dessa maneira, observando as respostas dadas à segunda pergunta, conclui-se que todas essas idéias e concepções foram formadas por algum tipo de contato com o malabarismo. Pois apenas quatro dos entrevistados disseram nunca ter visto ninguém fazer malabarismo. Assim, seja “vendo na tv”, “na novela”, “no circo”, “um homem no centro” ou o “amigo com laranjas”, a maioria absoluta já havia tido algum tipo de contato, ao menos observatório com o malabarismo. E talvez, tenha sido esse o motivo que os levou a responder que tinham vontade de aprender, quando indagados na quinta pergunta. Nessa questão, apenas duas crianças responderam que não tinham vontade de aprender malabarismo, e outra alegou “pouca”.

Na quarta questão foi perguntado se eles achavam que era difícil fazer malabarismo e, à exceção de dois alunos que já haviam tentado fazer, todos responderam que sim, achavam algo difícil.

Contudo, o mais interessante é que, mesmo assim, considerando algo difícil de se fazer, e talvez até como um desafio, à vontade de aprender (quinta questão) superava o medo das prováveis dificuldades que poderiam aparecer durante o caminho.

Com esses dados fornecidos por eles às perguntas do questionário 1, pôde-se passar então para a aula prática.

4.2 OBSERVAÇÃO DA FITA DE VÍDEO

O intuito de se utilizar uma fita de vídeo gravada em aula, é poder observar pontos que o professor, na hora em que está ministrando a atividade, não tem condições de atentar, como por exemplo às feições de todos os alunos, o entusiasmo ou frustração de alguns, como a turma comportou-se coletivamente durante a atividade, dentre outros.

Viu-se então que, desde o primeiro momento, houve um interesse grande por parte dos alunos em realizar a atividade proposta. Como primeiro passo da aula, tivemos a confecção das bolinhas, onde cada um pode fazer suas próprias bolas. Aqui, ficou claro o interesse da turma em participar e ajudar uns aos outros para que ficassem prontas as bolinhas. Alunos com maior habilidade manual colaboraram com outros que tiveram mais dificuldades em amarrar os saquinhos e encapa-los com as bexigas, deixando um clima de cooperação muito grande na turma, facilitando o convívio e o desenvolvimento da aula em si.

Quando lhes foi pedido que deixassem as bolinhas todas num canto, não houve o menor repúdio ou sequer a preocupação de que não teriam mais exatamente aquela bolinha que fizeram. Todas as bolas ficaram misturadas e, no momento em que foi solicitado que cada um apanhasse apenas uma, tudo ocorreu sem problemas. Até pelo contrário, o que aconteceu foi uma divertida corrida até as bolas e o apanhar de exatamente apenas uma por aluno, ressaltando o clima cooperativo que acompanhou toda a aula.

No decorrer das atividades os alunos continuaram interessados e envolvidos, aparentando sempre, um contentamento em estar realizando tal atividade. Porém, como era esperada, a dificuldade foram aparecendo durante o caminho. Algumas crianças chegaram a desanimar por não conseguirem seguir os passos da aula, mas bastava voltar um pouco mais

de atenção àquelas que pareciam “perdidas”, que estas já voltavam a acompanhar os colegas e sentiam-se totalmente capazes novamente, de enfrentar aquela tarefa que consideravam difícil.

Em determinado momento foi necessário, para aumentar o grau motivacional, demonstrar o que se poderia fazer jogando as três bolinhas. Foi só realizar alguns truques básicos e as crianças maravilharam os olhos expressando sua admiração em uma calorosa e espontânea salva de palmas.

Antes que a aula terminasse, já se ouvia os alunos perguntando se poderiam ficar com as bolinhas e, contentíssimos ficaram ao saber que sim. Para eles, a atividade representou estar entrando em um mundo que, ao mesmo tempo era tão próximo, pelos exemplos e experiências que eles já haviam vivido, e tão distante por acharem que era algo tão difícil de se realizar, que jamais haviam tentado (à exceção de poucos).

4.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO 2

Nessa série de perguntas (apenas três – anexo 1), a intenção é saber qual o resultado da atividade prática sobre os conceitos dos alunos, com relação ao malabarismo, bem como o que eles pensaram de fazê-lo e, também, se isso despertou neles interesse em tentar novamente, ou se foi frustrante a ponto de não quererem fazer de novo.

Nenhum conceito negativo foi aferido ao malabarismo, mas sim, novamente, relacionaram-no à arte, diversão e equilíbrio em primeiro lugar. Algumas idéias consideravam o malabarismo um “jogo”, “um esporte”, “algo diferente” ou até mesmo “uma tática para se distrair”

Contudo, é fácil observar que fica para cada um que, “o jogo”, a “arte”, “o esporte”, “a coisa legal”, “ter equilíbrio e força de vontade”, na “arte que ajuda a raciocinar”, é com certeza, muita “diversão”.

Quando responderam a terceira pergunta (sobre ter vontade de fazer de novo), tiveram o maior entusiasmo e empolgação. E isso fica muito claro quando se lê: “com certeza”, “sim, é claro”, “tenho, mas com mais tempo”... entre outras.

Houve até mesmo quem mudou de opinião, por exemplo: um dos alunos que havia dito não ter vontade de aprender malabarismo, confessou se interessar em tentar novamente, bem como aquele que dissera no primeiro questionário, ter “pouca” vontade.

Assim, a prática veio facilitar o entendimento, aproximar a realidade e despertar o interesse nos alunos.

E, por fim, definitivamente a palavra mais usada para descrever a sensação de fazer malabarismo (segunda pergunta) foi “legal”. Nessa resposta também fica evidente o entusiasmo e a satisfação; prazer em conhecer. Mesmo aquele aluno que não se interessa em fazer novamente, não teceu um comentário ruim sobre sua experiência em ter feito malabarismo.

“O máximo”, “interessante”, “divertido” e alguns predicados para “legal”, como: “hiperlegal”, “superlegal”, ou simplesmente “muito legal”, foram respostas de veras contentes com o que haviam realizado. Ficou, então, claro que lhes agradou ter feito malabarismo.

5. CONCLUSÃO.

Quando ainda nos momentos iniciais de pesquisa pude perceber que o malabarismo é parte integrante de nossa cultura corporal, recebi um ânimo a mais para testá-lo na prática, para conferir se seria viável aproxima-lo da escola.

Saber se realmente há uma aplicabilidade dessa cultura no âmbito escolar passou a ser, de certa, forma fácil. Pois sim, é claro que uma parte da cultura corporal não deve ficar de fora do rol de experiências que são proporcionadas aos alunos. Temos o dever, como professores de Educação Física, de ofertar a maior gama de experiências possível àqueles que fazem parte do processo de ensino aprendizagem inculcada nas tarefas diárias da vida escolar. Observar na fita, que vários alunos saíram de uma aula relativamente curta, e em seu primeiro contato prático com o malabarismo, jogando as três bolinhas, é por si só um fato relevante de que a possibilidade de se ensinar malabarismo na escola, faz-se presente, bastando para isso, o interesse do professor em aplicar tal conteúdo para o desenvolvimento do aluno na construção de seu acervo motor, na elaboração de sua consciência e, de forma geral, na construção de sua personalidade. Uma vez que a formação escolar engloba, dentre outros, estes fatores.

Na pesquisa literária (MEDINA, SOARES, ESCOBAR, dentre outros) foi possível encontrar com clareza vários tópicos referentes a pratica do malabarismo como cultura corporal. Resgatou-se sua origem, acompanhou-se sua trajetória no desenrolar dos momentos históricos, onde percebeu-se o motivo de sua castração dos moldes sociais e, maravilhou-se com a possibilidade do ressurgimento dessa tão sensacional arte milenar. De todas as maneiras, essa pesquisa trilhou caminhos e contemplou o malabarismo como meio de integração, diversão, aprendizado, e acima de tudo, conseguiu coloca-lo em destaque na nossa cultura corporal, como forma, ao mesmo tempo antiga e inovadora de se trabalhar com os movimento corporais. de maneira lúdica e artística

Os questionários aplicados comprovaram também, que as crianças têm contato com essa arte, curiosidade em conhecê-la e sentem-se completamente motivadas ao pratica-la. Reforçando a possibilidade da inserção desse conteúdo no âmbito escolar. Uma vez que é de suma importância que a realidade escolar não fuja à realidade do aluno. Ou que o mundo de experiências dos alunos seja trazido para dentro do espaço escolar, a fim de facilitar o processo ensino aprendizagem em todos os aspectos.

Ainda analisando o instrumento questionário, pôde-se concluir que a atividade, além de prazerosa e, mesmo difícil, é altamente motivante e encantadora, o que facilita qualquer aplicação prática.

Na fita de vídeo ficou evidente que uma aula com malabarismo na escola pode ser fácil de ser aplicada, bem como divertida e eficiente para o desenvolvimento do aluno.

A aplicabilidade prática da aula e o interesse do aluno ficaram comprovados facilmente neste trabalho. Basta agora o interesse em inovar, ousar e trabalhar em aulas com um conteúdo diferente. Concluo que o malabarismo é perfeitamente aceitável e aplicável nas aulas de Educação Física escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Francisco. “Juggling – it’s history and greatest performers (1.984)

ESCOBAR, Micheli Ortega (1.992). “Metodologia Do Ensino da Educação Física – Coletivo de Autores”. São Paulo: Cortez

MARCHI, Wanderley, Jr (1.999). “A possibilidade de construção de uma abordagem multidisciplinar da Educação Física: uma questão epistemológica”. Revista brasileira de Ciência do Esporte 21 (1).

MEDINA, João Paulo Subirá (1.983). “A Educação Física Cuida Do Corpo... E “Mente””. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus.

SOARES, Carmem Lúcia (1.998). “Imagens da educação no corpo”. Campinas, SP: Autores Associados.

WWW.MADAMEBOBAGE.COM.BR/LINKS (2.001)

Anexo 1

Questionário 1

- 1- O que é malabarismo para você?
- 2- Você já viu alguém fazer malabarismo? Quem, aonde e com o que?
- 3- Você já fez malabarismo? Caso sim, com o que?
- 4- Você acha que é difícil fazer malabarismo? Por quê?
- 5- Você tem vontade de aprender a fazer malabarismo?

Questionário 2

- 1- O que você achou de fazer malabarismo?
- 2- O que é malabarismo para você?
- 3- Tem vontade de fazer de novo?